

“POLÍCIA” e “FARDADO”: As relações dialógicas frente à força policial no Brasil

4

“POLÍCIA” e “FARDADO”: The dialogue front of the police force in Brazil

OLIVEIRA, Cláudia de Fátima

Mestranda em Linguística, pela Universidade de Franca

LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo

Professora Doutora em Linguística da Universidade de Franca

Apoio: CAPES - Concessão de Bolsa/Taxa PROSUP

RESUMO

O objetivo deste artigo é promover, a partir da análise das letras das canções “Polícia” e “Fardado”, da banda paulistana Titãs, uma reflexão acerca do diálogo entre as letras que, embora construídas em épocas diferentes, trazem à tona questionamentos históricos, políticos e sociais, frente a uma ideologia permanente sobre a força bruta da polícia, instituição regida pelo Estado. Sob a ótica bakhtiniana, operam-se análises dialógicas entre as letras e com o contexto histórico, social e cultural do Brasil em épocas distintas, a fim de se demonstrar que vivemos sob uma opressão estatal que se origina da castração e do imperativo, advindos da égide da violência, quer seja em âmbito coletivo, quer seja individual, enunciando um medo social que se faz presente na subjetividade hodierna.

Palavras-chave: Estado; Polícia; letra de música; Titãs; relações dialógicas.

ABSTRACT

The objective of this article is to promote a reflection on the dialogue between the lyrics that, although built at different times, bring to the fore historical questions, political and social, in the face of a permanent ideology about the brute force of the state-run police. From the Bakhtinian point of view, dialogical analyzes are carried out

between the letters and the historical, social and cultural context of Brazil at different times, in order to demonstrate that we live under a state oppression that originates from castration and the imperative, aegis of violence, whether in the collective sphere or individual, enunciating a social fear that is present in today's subjectivity.

Keywords: State; Police; song lyrics; Titans; dialogical relations.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar, por meio das letras de música “Polícia” (1986), de Tony Belloto e “Fardado” (2015), de Sérgio Brito, da banda paulistana Titãs, como ocorrem as relações dialógicas entre as letras ora analisadas e o contexto histórico, social e cultural do Brasil em épocas distintas. Nosso objetivo será, por meio da análise das letras, demonstrar como ocorrem diálogos constantes entre as letras e o que ocorreu frente ao período pós-ditatorial, quando na produção de “Polícia” (1986) e ao momento conturbado do Brasil nos anos de 2010, em “Fardado”.

As letras de “Polícia” e “Fardado” têm como ponto de intersecção o enunciado, ainda que distantes no tempo e no espaço. “Polícia” foi produzida no ano de 1986, época de final de ditadura militar, em que as amarras governamentais ainda se faziam presentes por meio das imposições estatais, em relação à censura e força policial.

Para tanto, tomaremos as letras em questão e discutiremos pontos em comum entre elas e o que, em seu interior, possui intrínseca relação contextual histórica, política e social, a partir da hipótese de que todo discurso não possui ineditismo, mas possui vozes anteriores que se intercambiam com as vozes do autor. Como arcabouço teórico, traremos as concepções de dialogismo de Mikhail Bakhtin, filósofo russo.

O cotejamento entre as letras das músicas trazem à tona uma reflexão acerca da ideologia vigente num Brasil que vivenciava o período ditatorial e, pospostamente, vige na democracia, mas que, em ambos os períodos lida com a força policial advinda das ordens do Estado.

Para Bakhtin, os ingredientes do ato de formação estética devem se pautar no conteúdo, na relação com o mundo, na forma, enquanto intervenção do autor. Para ele, a verdadeira noção central da pesquisa estética não deve ser o material, deve ser a arquitetônica

composicional, a construção e a estrutura da obra, como intersecção entre material, forma e enunciado. Assim, a perfeição estética se encontra na imperfeição, no inacabamento do sentido. Criada por ele, a ideia de dialogismo, nos leva à reflexão de que os enunciados permeiam discursos entre si, já que, ainda que distantes no tempo e no espaço, os diálogos sociais são irrepetíveis, mas não são inéditos. Nesse contexto, embora haja diferenças nas letras analisadas, visto que os ideários acerca do corpo policial se fazem diferentes, em função do tempo e do espaço, muito se encontra de congruência quando colocadas em análise, frente às questões ideológicas e em relação ao tempo-espaço.

A hipótese presente é a de que se vivenciam momentos sociais com aspectos distintos, mas que se complementam sob a égide da manutenção da ordem, por meio da força policial. A proteção, a ajuda, a força coercitiva, a imposição estatal, a obediência, a cooperação, o respeito, presentes em “Polícia”, se fazem repetir em “Fardado”, a partir da abordagem da exploração do policial militar pelo Estado, da força das armas, da proteção e de um convite à reflexão do lugar do policial militar na sociedade.

Percebe-se, portanto, um dialogismo entre as letras compostas em um interregno temporal de trinta anos, que configura a presença do despreparo da instituição polícia, quer seja frente à prisão de dois civis, quer seja frente a uma população que se volta contra a força estatal vigente no país, bem como uma relação dialógica entre as letras das canções e as situações vivenciadas pelo brasileiro nos anos 1980 e 2010. Nesse contexto, será privilegiada a busca pela presença do dialogismo, criada pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, dentro do instituto do estudo da linguagem.

Bakhtin e o dialogismo

O filósofo russo Bakhtin, em sua concepção de dialogismo nos traz a ideia de que a presença de dois enunciados, ainda que distantes no tempo e no espaço, quando com aspectos congruentes entre si, trazem consigo relações dialógicas que demonstram, ao menos, uma identidade ou um ponto de vista em comum. Para ele:

Qualquer resenha da história de alguma questão científica (independente ou incluída no trabalho científico sobre uma determinada questão) realiza confrontos dialógicos (entre enunciados, opiniões, pontos de vista) entre enunciados de cientistas que não sabiam nem podiam saber nada uns sobre os outros (BAKHTIN, 2006, p. 331).

Desse modo, o aspecto em comum dos temas gera questões dialógicas. São, portanto, os enunciados aquilo que o enunciador produz com consciência, uma vez que o processo de enunciação se constitui por meio de vozes sociais. Quando um enunciado se encerra, não há acabamento final, frente à presença de respostas e réplicas. Nesse ínterim, as letras ora analisadas se fazem constituir por meio de vozes sociais, produzidas por seus autores e ecoadas quando repetidas e vivenciadas por seus receptores.

Nesse sentido, para Bakhtin,

Por palavra do outro enunciado, produção de discurso, eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, qualquer outra palavra não minha. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro (BAKHTIN, 2006, p. 379).

É, para Bakhtin, trabalho do crítico o recolhimento dos dados materiais para a reconstituição do contexto histórico e a explicação deste por meio das leis sociológicas, psicológicas e biológicas, tendo a interpretação como diálogo. Assim, ao analisarmos enunciados, buscaremos vozes sociais que se cruzam e intercambiam em uma cadeia repleta de réplicas e trélicas, localizando pontos com fundamentações sociológicas, biológicas e psicológicas. É, portanto, a relação dialógica uma réplica social. Nessa instância, tanto no enunciado, como no discurso, há a presença do dialogismo preconizado por Bakhtin (2006, p. 199):

Em toda parte há certa intersecção, consonância ou intermitência de réplicas do diálogo aberto com réplicas do diálogo interior das personagens. Em toda parte, certo conjunto de ideias, pensamentos e palavras se realiza em várias vozes desconexas, ecoando a seu modo em cada uma delas.

Destarte, tem-se como balizamento das ideias do filósofo russo que o discurso do outro influencia de dentro para fora o discurso do autor, que se reflete no discurso e lhe dá tom e significado externo, nascendo, assim, o sentido a partir do encontro de dois sujeitos. Para ele, o diálogo é forma composicional do discurso, uma concepção estreita do dialogismo. Aquilo que se profere vem do outro, não vem da gramática ou das gramáticas. É a consciência, portanto, um jogo de

vozes, de valores que presidem a organização do discurso, dado pelo outro. Compreender significa avaliar. Dessa forma:

Por palavra do outro enunciado, produção de discurso, eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, qualquer outra palavra *não minha*. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro (BAKHTIN, 2006, p. 379).

Os enunciados proferidos evidenciam relações dialógicas constantes, mesmo que estejam separados um do outro no espaço e no tempo. Isso é decorrente do que Bakhtin denomina como consciência plural, plurivocal, heteroglóssica. Assim:

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas. Eles não têm analogias consigo (BAKHTIN, 2006, p. 371).

Percebe-se, portanto, que não ocorre isolamento em nenhum momento em relação ao enunciado, uma vez que esse faz parte de uma cadeia de vozes que se medeiam por meio das relações dialógicas. Sem elas, não há de se falar em tecer comparações.

Com essa abordagem, abrimos uma oportunidade para que o assunto seja visto sob o prisma da preocupação com os direitos do cidadão, para que haja garantias de sua cidadania e que seus direitos se façam efetivos no decorrer de governos que se intercalam, na busca da égide da legitimidade do cidadão. Torna-se fundamental, portanto, a partir da reflexão acerca das letras ora analisadas que conceitos acerca da proteção policial sejam refeitos e repensados, uma vez que, há muito tempo, tal proteção se encontra num âmbito restritivo, pautado pela primazia da força.

Análise de “Polícia” sob uma perspectiva histórica e dialógica

Em 13 de novembro do ano de 1985, o guitarrista da banda Titãs, Tony Bellotto, após sair da casa do então vocalista Arnaldo Antunes, foi abordado em uma revista policial de rotina, cujo objetivo era proteger a população paulistana de assaltantes. Nessa ocasião, portava ele

uma quantidade de heroína e, então, foi preso após uma abordagem truculenta. Àquela altura, a prisão de um músico de uma banda que fazia sucesso imensurável nas rádios e na TV garantia notoriedade a todos que fizessem parte da operação. Tony revelou que a droga veio de uma compra com seu parceiro, Arnaldo, que também foi preso por crime passível de reclusão, sem direito à fiança, por distribuição de drogas, ainda que de forma gratuita.

A prisão suscitou uma discussão na imprensa, com a participação ativa de artistas e intelectuais. Após os trâmites legais, Arnaldo, condenado a três anos de reclusão por tráfico, e Tony, a seis meses, cumpriram a pena em regime aberto por bons antecedentes e trabalho declarado.

A partir desse evento, foi composta Polícia, música-protesto que evidenciava na letra e na agressividade da execução a presença do despreparo policial, frente à polêmica causada pela prisão dos compositores, visto que, por se tratar da questão das drogas, deixava clara a necessidade de outros cuidados com os portadores e não de forças centrífugas oriundas de ordens estatais.

É neste marco que se configura a presença da normatização das regras impostas pelo Estado, por intermédio da força policial imposta, demonstrada nas letras ora estudadas. Polícia, composta no ano de 1985, comprova a ineficácia do objetivo da presença dessa instituição, por meio dos versos “Dizem que ela existe pra ajudar, Dizem que ela existe pra proteger”. O vocábulo “Dizem” pressupõe não ser verdade a proteção e a ajuda supostamente oferecida pela força policial, mas evidencia a presença de uma truculência fortemente apresentada nos versos “Eu sei que ela pode te parar, eu sei que ela pode te prender.”

Dessa forma, na letra de Polícia, torna-se evidente o clamor pelo repensar da atitude da instituição supostamente protetora da população:

Dizem que ela existe pra ajudar
 Dizem que ela existe pra proteger
 Eu sei que ela pode te parar
 Eu sei que ela pode te prender
 Polícia para quem precisa
 Polícia para quem precisa de polícia
 Dizem pra você obedecer
 Dizem pra você responder
 Dizem pra você cooperar

Dizem pra você respeitar
Polícia para quem precisa
Polícia para quem precisa de polícia.

O termo “dizem”, em “Dizem que ela existe pra ajudar/Dizem que ela existe pra proteger” denota a voz do senso comum, advinda da população cidadina, por meio de um sujeito indeterminado, que não se pode ou não se quer dizer quem é. Em um contexto histórico, entendemos que a não marcação explícita do sujeito demonstra a necessidade de não poder mostrá-lo, visto que a censura ainda se fazia presente nessa época e, de certa forma, punia aqueles que produziam discursos considerados inadequados para o momento, minimamente, por meio da vedação da radiodifusão das canções.

Em “Eu sei que ela pode te parar /Eu sei que ela pode te prender”, percebemos a voz de uma primeira pessoa, no caso, o autor, alegando, com propriedade, saber o que a força policial faz com o cidadão comum. Tony Belloto, o autor da letra, a escreveu após ser parado pela polícia, portando uma quantidade da droga heroína e foi coagido a entregar seu parceiro de banda, Arnaldo Antunes, que teve seu apartamento invadido pelos policiais na mesma ocasião.

Em seguida, em “Polícia para quem precisa/Polícia para quem precisa de polícia”, temos, notavelmente uma afirmação de o que seria necessário para a população, não só na época de sua produção, mas em qualquer época. Implicitamente, ocorre a afirmação de que não há a necessidade da força policial como ela ocorre, visto que ela deveria ocorrer apenas para aqueles que precisam dessa força. Cabe ressaltar, que ainda que o acento diferencial entre “para” (preposição) e “pára” (verbo) não houvesse sido abolido, em termos sonoros, podemos perceber um trocadilho, em que se diz que a Polícia para (do verbo parar) quem precisa e, ao mesmo tempo, que a polícia é para (preposição) quem precisa ser parado.

Por fim, nos últimos versos, em “Dizem pra você obedecer/ Dizem pra você responder/Dizem pra você cooperar/Dizem pra você respeitar”, o mesmo termo utilizado nos primeiros versos da letra (“Dizem”) é empregado de modo a demarcar a atitude da própria força policial, visto que obediência, resposta, cooperação e respeito são abordados como imposição, em especial pelo fato de o termo “obedecer” vir à frente dos demais. Nesse contexto, torna-se evidente a contraposição entre aquilo o que se deve fazer e entre o que se é feito pela polícia à população.

As palavras dos outros são, também, expostas nos shows dos Titãs, até os dias atuais, já que, em todas as apresentações, antes de Polícia ser executada na voz de Sérgio Britto, há a execução de outra canção por ele, dos anos 1950, “Acorda, Maria Bonita”:

Acorda, Maria Bonita
Levanta, vai fazer o café
Que o dia já vem raiando
E a polícia já está de pé.

Percebe-se, a partir do contexto ora empregado, relações de cunho dialógico entre as duas letras e entre épocas sociais distintas, uma, marchinha de carnaval de 1956 que alude à personagem Maria bonita, mulher de Lampião, morta em 1938, alertando sobre a presença da polícia e outra, rock, de 1985. Em ambas, a presença da polícia instala a necessidade do temor à instituição.

Sabe-se que muito antes do surgimento do Estado, os conflitos interpessoais se resolviam por intermédio da autotutela, em que se vigia o aforismo da lei do mais forte. Com o advento da organização social corporificada pelo Estado, passou-se da justiça privada para a justiça pública, em que o Estado, suficientemente fortalecido impõe-se sobre os particulares e prescinde da voluntária submissão desses por meio da autoridade. Nesse sentido, entra a presença da instituição Polícia, com o intuito de manter a ordem social. No entanto, a instituição não cumpre seu papel, em função de fatores históricos e culturais já arraigados, que serão demonstrados na letra de “Fardado”.

“Fardado” sob um viés histórico e dialógico – os anos 2010

Quase trinta anos após o lançamento de “Polícia”, em 2015, a mesma banda, agora sem Arnaldo Antunes, compositor da letra de 1986, compõe “Fardado”, abordando a exploração vivenciada e não sentida pelo policial militar, em meio às manifestações do ano de 2013. A truculência se repete na mesma cidade em que Belloto e Antunes foram detidos, São Paulo, na avenida Paulista, dessa vez, contra manifestantes diversos, muitas vezes, sem motivo, mostrando, novamente, o despreparo da força policial, que deveria ajudar e proteger, mas para e prende.

A faixa “Fardado”, composta por Sérgio Britto e Paulo Miklos, soa como uma atualização da letra de “Polícia”, composta quase vinte e nove anos antes. Embora o país tenha mudado nas esferas social, histórica e econômica, não houve tantas alterações em relação à instituição apresentada. A abordagem da letra frente à polícia também

passou por alterações. Em “Polícia”, o uso da primeira pessoa “Eu sei” evidencia um pensamento bem claro acerca do individual em meio à presença implícita da ditadura. Já em “Fardado”, soa mais o coletivo, como um convite à reflexão, devido à abertura. Mesmo com divergências nesse sentido, as congruências são evidentes, vez que, apesar de as letras terem enfoques diferentes, a crítica se faz bastante parecida. Em “Polícia”, permeia-se a ideia de que a polícia é necessária, em que há uma situação inimaginável sem ela, no país. No entanto, o que se vê é uma força truculenta, despreparada para exercer sua função e que, muitas vezes, também é explorada.

É nesse ponto que os aspectos congruentes se tornam claros e as relações dialógicas se fazem presentes. Em “Fardado”, os versos “Ponha-se no meu lugar, ponha-se no seu lugar”, mostra a vitimização do policial funcionário público, como qualquer outro cidadão que o é. Além disso, como a letra foi preparada à época das manifestações, busca mostrar a falta de preparo da polícia para tais acontecimentos.

Nessa perspectiva, enquanto efeitos da alteridade, buscamos a manifestação da linguagem como uma das vertentes do processo composicional, seja por meio da ironia, seja por meio da crítica direta ou velada, sob um viés histórico e social, a partir de uma confluência de discursos, que forma um tabuleiro social, merecedor de uma análise do contexto de produção do enunciado. Pode-se inferir, a partir de tal assertiva, que os discursos, não isentos de responsabilidade, que abarcam fatores contextuais históricos, são passíveis de controle e vigilância, em especial em regimes autoritários ou pós-autoritários, e de censura social, por serem formas de contestação de valores pré-estabelecidos socialmente ou impostos por instituições que regem *ad eternum* as sociedades, justamente por estarem situados em determinado tempo e espaço, o que lhes delimita questões histórico-ideológicas.

A inspiração para a letra analisada veio das manifestações do ano de 2013, em que se repercutiu a imagem de uma garota segurando uma faixa em frente a um batalhão da PM, com os seguintes dizeres: “Fardado, você também é explorado”. Além da crítica à exagerada força policial, há de se ressaltar a questão da cidadania, tanto do ponto de vista do policial que é servidor público, como por parte da população, a qual não se acostumou a enxergá-lo assim.

No lugar de “Polícia para quem precisa de polícia” chega “Por que você não usa essa farda pra servir e pra proteger?” Percebe-se, nesse diálogo que o imperativo, então substituído pelo questionamento

de que a problemática que permeia o tema é a mesma. Embora produzidas em épocas díspares, a ideologia prevalece. Nesse âmbito, os cronótopos se alternam, mas o discurso se mantém e aborda, com precisão habitual, a temática existente entre ambos, a partir da instauração de um diálogo entre cidadão e polícia.

Há, ainda de se dissecar as várias relações dialógicas, quando na apresentação da letra. Nos shows, os artistas têm seus rostos maquiados como palhaços. Para a banda, é uma tentativa de demonstração de como os brasileiros se sentem quando têm seus direitos desrespeitados. Para a corporação policial, é uma alusão aos assassinos de policiais, já que o palhaço traz essa representação para a instituição.

Nos dias atuais têm se intensificado as críticas à atuação estatal, apontando para um crescente movimento de fortalecimento da população. Certo é que as novas alternativas substitutivas à força estão surgindo, de tal modo que as forças estatais não sirvam de embaraço à liberdade do cidadão, com elementos que busquem a conciliação, uma vez que o conflito entre polícia e cidadão seria um exemplo claro de disfuncionalidade do sistema que deixa sequelas evidentes e inviabiliza o verdadeiro papel da corporação policial.

VOCÊ TAMBÉM É EXPLORADO

Você também é explorado

Fardado

Você também é explorado

Aqui!

Esses são os versos que fazem parte da primeira estrofe da letra de “Fardado”. Neles, observa-se, a priori, a presença da tentativa de conscientização pelo sujeito comum, como parte de uma coletividade, ao policial militar, detentor da força bruta ostensiva, presente nas manifestações do ano de 2013. Por meio do vocábulo “também”, percebe-se a inserção do próprio sujeito coletivo, detentor de múltiplas vozes que dialogam entre si, a dizer que a exploração está presente em todos os âmbitos do corpo social. Delineia-se, nesses primeiros versos, a angústia de um indivíduo que deseja a igualdade e a consciência, mas que se contém sob o signo da fragilidade, apenas ao inserir questionamentos postostos nos versos seguintes:

Por que você não abaixa essa arma

O meu direito é seu dever

Por que você não usa essa farda

Pra servir e pra proteger

Eis que nos versos acima emergem o desejo e a necessidade de proteção, bem como a consciência de que esses não serão efetivos, em função do esfacelamento da ação estatal que, fragilizada, como o indivíduo, insurge contra esse, por meio da força, representada pela polícia.

Por que você não escuta o que eu digo
Não limpa as botas de terra
Não prende esse cachorro contigo
Não abre a rua e limpa essa merda!

Esse indivíduo, em nome da coletividade se vê imposto pelos códigos sociais de imposição e submissão, presentes desde o início da colonização. São códigos que dialogam com outros códigos, como a presença da força policial e o medo que a população possui dos fardados, o fato de a polícia poder prender qualquer cidadão, já vocalizado na letra de “Polícia”, a qualquer momento e se reforçam em tempos e locais distintos, irrepetíveis, no entanto, com algo em comum, não inédito.

Os versos que seguem são, ao mesmo tempo, ordem e súplica, dialogam polícia e cidadão, num misto de vozes emblemáticas que se confundem no itinerário da população hodierna, que se vê frente ao esfacelamento da certeza da proteção estatal e das demais instâncias que o representam, como a polícia.

Ponha-se no meu lugar
Ponha-se no seu lugar
Ponha-se no meu lugar
No meu lugar
Por que você não abaixa esse escudo
O meu direito é sua obrigação
Por que não olha antes de tudo
O seu dever é minha autorização

Os versos acima tornam clara a incapacidade do representante da instituição estatal em enxergar a fragilidade do cidadão comum, enquanto o fardado se faz detentor do poder oriundo de uma instituição basilar, que se ocupa de vedar as tensões sociais, por meio da agressividade e de suas instituições destrutivas.

Por fim, “Fardado” traz à tona a voz do autor em relação ao policial fardado, num ato de solicitação para que esse pratique as atitudes oriundas do serviço policial, serviço esse que não seria de força, mas de uma atividade que, socialmente, seria vista como algo

não ligado àquilo que o cidadão comum vê na polícia, uma vez que, ao se imaginar tal força corporativa, comumente não se imagina atividades laborais, tais como limpar os excrementos de um animal ou até mesmo cuidar das botas sujas, mas vislumbra-se um signo detentor do poder e da força. Nesse sentido, pela voz do autor, as vozes sociais se multiplicam nos versos em evidência, por meio do olhar do cidadão, que observa a corporação policial como um testemunho da existência de uma instituição corporativa falha, que se apresenta como detentora do poder, mas que, minimamente, não cumpre com as obrigações cotidianas.

Entendemos, portanto, que enunciados congruentes, ainda que distantes na questão tempo-espacial possuem relações intrínsecas entre si, relações dialógicas, uma vez que cada tempo e espaço trazem consigo marcas históricas e ideológicas que podem intercambiar entre si. O posicionamento e a confrontação ético-axiológicos medeiam os discursos. As convicções dos participantes do diálogo são determinadas pela sua leitura de mundo.

Torna-se essencial afirmar que os enunciados são produzidos sem consciência pelo enunciador, que os faz por meio de vozes sociais. Quando um enunciado se encerra, não há acabamento final, frente à presença de respostas e réplicas. Os motivos espaço-temporais ensejam a presença de tais réplicas e tréplicas.

Assim, tanto em Polícia, quanto em Fardado, encontra-se a voz do corpo social presente na voz do autor. Em um contexto atual de pós-modernidade, ocorre, portanto, um conflito que torna as instituições de cerceamento comportamental esfaceladas e tendentes às múltiplas formas de rejeição. O sujeito, diante de restrições sociais, traz consigo modos de se manter no usufruto que lhe permite viver e conviver socialmente, mas se depara, justamente, com a força, nesse caso, a policial, o que lhe causa revolta. Essas nuances são percebidas em ambas as letras aqui discutidas.

Surge, então, o questionamento acerca dos preceitos indicados: há, nessa junção de vozes, entre Polícia e Fardado, alguma indicação de conciliação entre as partes, polícia e cidadão comum, por parte da voz do autor? A resposta se faz negativa, vez que nas duas letras não existem aspectos congruentes no que diz respeito à conciliação, apenas a voz da indignação se faz presente em ambas as composições.

Assim, têm-se as relações dialógicas presentes como processo de antirreificação do cidadão, em busca de uma voz ativa em um processo que define o lugar de ambos, polícia e cidadão. Dessa forma,

é relevante que se busque abrir a discussão acerca das imposições advindas, uma vez que se ouve falar aleatoriamente sobre a temática proposta sem que se abram discussões relevantes.

Daí, a primazia evidenciada em “Polícia” e “Fardado”, separadas pelo interregno temporal de trinta anos, mas que buscam, em comum, a presença marcante de um elemento subjetivo que, inserido no meio social, lamenta, por meio de uma angústia, regida pelo meio cultural e ideológico que o cerca, a submissão ao cerceamento impositivo estatal. Esse elemento subjetivo, ainda que obrigado e contido pelas forças, tenta restituir os laços sociais e se rebela contra a obrigação e contenção.

A letra de Fardado se encontra no álbum Nheengatu, que em sua capa traz um paradoxo, ao apresentar a imagem que traz um fragmento da pintura “A Torre de Babel”, do artista belga Pieter Bruegel, demonstrando a construção mítica, cujo objetivo era levar o homem ao céu, mas que foi destruída por Deus, que se decepcionou com tamanha pretensão dos homens. O resultado foi a diáspora dos povos, que desenvolveram idiomas próprios e não mais se entenderam. O paradoxo jaz no fato de que Nheengatu foi uma língua artificial criada pelos jesuítas para que, no Brasil Colonial, os idiomas indigenistas e português se fundissem, a fim de que houvesse compreensão entre esses povos na terra. O nome do disco leva à compreensão, mas a imagem leva à incompreensão. Fardado, nesse sentido, traz à tona o desentendimento entre polícia e comunidade, em um Brasil atual, onde a atuação policial deveria estar em consonância com os ideários populacionais. Ocorre que tantos exemplos de má conduta policial ofereceu embasamento para tal reflexão, a partir do grito de ordem evidenciado nas manifestações de junho de 2013: “Você também é explorado (fardado!)”.

Assim, a aspereza da letra traz o convite a nossa força policial em se colocar em ambos os lugares, daquele que defende o país e daquele que quer que o país seja melhor, propondo uma tomada de decisão. A crítica social, carregada de peso e personalidade, faz jus ao momento atribulado e de contestação que toma frequentemente conta das ruas brasileiras, retomando a contestação mais calada dos anos 1980, frente aos resquícios ditatoriais, presente em “Polícia”. O abuso policial em relação à violência no estado mais rico da nação se encontra em ambas as letras, em função de uma ameaça de perpetuação desse costume, advindo de fontes históricas e culturais. As palavras de ordem poetizadas em “Polícia” e “Fardado” ecoam as vozes de protesto dos brasileiros em épocas distintas, mas com teor ideológico e localização similar.

Ocorre, em ambas as letras, a presença da angústia e da raiva, ainda que, em algum momento, de forma implícita, mas que tange de forma adequada, pelo discurso impresso, a abordagem de uma sugestão aos homens fardados do uso da lucidez e do bom senso como ferramenta laboral.

É importante frisar que diante das premissas falidas do modelo institucional de força e proteção ao cidadão, bem como a fragilização da imagem paternal do Estado e da descrença nesse, o cidadão não encontra mais barreiras fortes o suficiente para protegê-lo, o que, por conseguinte, gera nele a necessidade de arcar com a quebra da tensão pulsional que o conduz. É esse cidadão que, na voz do autor, diz que a polícia, para ele, não é necessária, visto que ela deveria ajudar, proteger, mas para e prende. É esse cidadão que, na voz do autor, diz ao policial fardado que ele também é explorado e deveria se colocar no lugar de cidadão comum.

Um dado que merece destaque, por demonstrar a insatisfação latente em relação a corporação ora analisada é que a faixa “Fardado” ganhou um videoclipe que retrata o peso e a sombra em relação aos abusos e ações contraditórias nas manifestações. A significatividade imagética vai ao encontro do conteúdo exposto em Polícia, com uma direta potente contra os abusos advindos do poder estatal, em constante consonância com as vozes raivosas realçadas em ambas as letras.

Por fim, cabe salientar que a relevância das letras destacadas contribuiu em muito para a revolução nos parâmetros culturais e ideológicos e de cunho perceptivo dos papéis do corpo social. São letras inovadoras que se contrapõem a ideias conservadoras. A falta de empatia dos militares que não se percebem como também explorados, posto que se encontram do mesmo lado da população reprimida e um protesto sobre o discurso repressivo e repetitivo das ordens policiais são o fio condutor desse diálogo entre as letras de “Polícia” e “Fardado”. Paralelamente, ocorre o questionamento em relação às referências nacionalistas, à confiabilidade e a busca de valorização da independência da população frente ao desleixo estatal que, ainda assim, não altera a identidade do cidadão, uma vez que esse é investido de individualidade e convicção.

O momento de convulsão vivido em 1980, com vistas ao fim da ditadura e nos anos hodiernos aflora a insatisfação popular que deixa os cidadãos chocados, divididos, preocupados e desesperados, em momentos distintos que buscavam a ordem, mas traziam como

resultado a desordem, originária de forças impostas por instituições, como a militar. A banda Titãs parece ter cravado as unhas nas mazelas sociais, em uma crônica ácida e angustiante, sob a forma de um retrato contemporâneo, já que “o meu direito é sua obrigação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo desenvolveu-se a partir das reflexões sobre as relações dialógicas entre as letras de música “Polícia” e “Fardado” e o cidadão comum, presente em épocas distintas, 1986 e 2015. Embora haja um interregno temporal entre a composição das letras em questão, buscamos analisar o que ambas traziam em comum em relação ao pensamento cidadão e às questões sociais e históricas em ambos os períodos.

Obtivemos, portanto, a verificação de que, passados trinta anos, as forças impositivas advindas do Estado se fazem presentes, ainda que a população a ela reaja de forma diversa, vez que em uma primeira análise, há ainda resquícios da presença da ditadura militar no Brasil e no segundo, jaz a força da população presente nas populações que se tornaram marco histórico nos anos 2010.

Portanto, em um Estado civilizatório, o cidadão, dito comum, embora ceda seus desejos ao aparato social, se faz presente não como um ser alienado e que aceita as imposições vindas das instituições, mas se põe contra as forças impostas por elas, aspecto extremamente relevante e presente nas letras analisadas. Tal assertiva ganha mais contornos a partir do momento em que as canções se popularizam e tendem, ainda que inconscientemente, a levar o cidadão ao afastamento das forças impostas pelas instituições estatais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. O problema do autor. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

BRAIT, B. **Bakhtin conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

BRAIT, B. **As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso**. In: BARROS, D.L.P. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

FARACO, C. A. **Autor e autoria.** In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin.** Curitiba: Criar, 2006.

FIORIN, J. L. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Contexto, 2016

FIORIN, José Luiz. **Polifonia textual e discursiva.** In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; _____. (Orgs). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. Ensaios de Cultura. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 29-36.

_____. **Interdiscursividade e intertextualidade.** In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 53-93.

MARCHEZAN, R.C. **Diálogo.** In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006.

MARMO, Hérica, ALZER, Luiz André. **A vida até parece uma festa: Toda a história dos Titãs.** Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 2002.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. **Bakhtin conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

TITÃS. **Cabeça Dinossauro.** Rio de Janeiro: WEA, 1986.

TITÃS. **Nheengatu.** Rio de Janeiro: Som Livre, 2015.

Recebido em: 28/10/2018

Aceite em: 20/11/2018